

**engrossent[ar]** - v. (*en* + *grosso* + *-entar*). → engross[ar]. 'engordurar'. || G [1399/tsla/64vc2]: Se foy l torpe en comer . ou en beuer . como diz l san bernaldo abrindo muyto aboca . l ou soando con os beyços como besta l ou vertendo os maníares ou ovyn l ho por sy ou por amesa ou metendo l torpemente toda amãõ ou todos os l dedos en na escudela . ou tornando o pan l mosegado aella . ou ovaso com aboca en l **grossentando** . ou as toalhas torpemen l te enscuiando Se se queixo muyto en / l ocomer sen l he dando pressa *que* he syn l al de *guargantuice*.

**enhader** → enader.  
**enhale[ar]** — v. (< de *en* + *alear* [este do lat. *alienare*]<sup>et.</sup>) 'alienar'; 'transferir para outrem a posse ou propriedade de algo'. || CF3 [xiii/frac/84v]: Se algũa cousa for metuda en iuyzo e *aquel que* a teuer e a **enhalear** ante *que* seya liurada *per* iuyzo e *per* aueença, en poder seya do demandador de a (de a) demandar aaquel que lha alheou ou aaquel que a recebeu.

**enhatamente** - adv. (< *enhata* + *-mente*). → *enhata* . /*enatho*. 'hediondamente'; 'de maneira repugnante'. [xiv/flos/23rc2]: e muytas vezes veo a mim qual ele era muy

Aparecida Negri Isquerdo  
Celina Márcia de Souza Abbade  
**ORGANIZADORAS**

# ASCIÊNCIAS DO LÉXICO

LEXICOLOGIA  
LEXICOGRAFIA  
TERMINOLOGIA

**VOLUME IX**

**engrossent[ar]** - v. (*en + grosso + -entar*). → engross[ar]. ‘engordurar’.

|| G [1399/tsla/64vc2]: Se foy l torpe en comer . ou en beuer . como diz l san bernaldo abrindo muyto aboca . l ou soando con os beyços como besta l ou vertendo os maníares ou ovyn l ho por sy ou por amesa ou metendo l torpemente toda amãõ ou todos os l dedos en na escudela . ou tornando o pan l mosegado aella . ou ovaso com aboca **en l grossentando** . ou as toalhas torpemen l te enscuiando Se se queixo muyto en / l ocomer sen lhe dando pressa *que* he syn l al de *guargantuice*.

**enhader** → enader.  
**enhale[ar]** — v. (< de *en + alear* [este do lat. *alienare*]<sup>el</sup>.) ‘alienar’; ‘transferir para outrem a posse ou propriedade de algo’.

|| CF3 [xiii/frac/84v]: Se algũa cousa for metuda en iuyzo e *aquel que* a teuer e a **enhalear** ante *que* seya liurada *per* iuyzo e *per* aueença, en poder seya do demandador de a (de a) demandar aaquele que lha alheou ou aaquele que a recebeu.

**enhatamente** - adv. (< *enhata + -mente*). → enhata . /enatho. ‘hediondamente’; ‘de maneira repugnante’.

[xiv/flos/23rc2]: e muytas vezes veo a mim qual ele era muy

Aparecida Negri Isquerdo  
Celina Márcia de Souza Abbade  
**ORGANIZADORAS**

# ASCIÊNCIAS DO LÉXICO

LEXICOLOGIA  
LEXICOGRAFIA  
TERMINOLOGIA

**VOLUME IX**



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MATO GROSSO DO SUL**

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS

DELIBERAÇÃO N° 38, DE 19 DE NOVEMBRO DE 2020

Conselho Editorial

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Além-Mar Bernardes Gonçalves

Alessandra Borgo

Antonio Conceição Paranhos Filho

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

Delasnieve Miranda Daspert de Souza

Elisângela de Souza Loureiro

Elizabeth Aparecida Marques

Geraldo Alves Damasceno Junior

Marcelo Fernandes Pereira

Nalvo Franco de Almeida Jr

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Ruy Caetano Correa Filho

Vladimir Oliveira da Silveira

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)**

---

As ciências do léxico : volume IX : lexicologia, lexicografia, terminologia / Aparecida Negro Isquierdo, Celina Márcia de Souza Abbade, organizadoras. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2020.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufms.br>

Texto em português e espanhol.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86943-24-5

1. Lexicologia. 2. Lexicografia. I. Isquierdo, Aparecida Negri. II. Abbade, Celina Márcia de Souza.

CDD (23) 413.028

---

Bibliotecária responsável: Wanderlice da Silva Assis – CRB 1/1279

Aparecida Negri Isquerdo  
Celina Márcia de Souza Abbade  
ORGANIZADORAS

# AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

LEXICOLOGIA  
LEXICOGRAFIA  
TERMINOLOGIA

**VOLUME IX**

Campo Grande - MS  
2020

 editora  
**UFMS**

© dos autores:  
(Orgs.) Aparecida Negri Isquerdo  
Celina Márcia de Souza Abbade

1ª edição: 2020

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica  
TIS Publicidade e Propaganda

Revisão  
A revisão linguística e ortográfica  
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos exclusivos  
para esta edição



**Divisão da Editora UFMS - DIEDU/AGECOM/UFMS**

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande - MS, 79070-900  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Fone: (67) 3345-7203  
e-mail: [diedu.agecom@ufms.br](mailto:diedu.agecom@ufms.br)

Editora associada à



ISBN: 978-65-86943-24-5  
Versão digital: novembro de 2020.

# PARA UMA PERIODIZAÇÃO DA LEXICOGRAFIA EM TERRITÓRIO URUGUAIO<sup>1</sup>

*Magdalena Coll*

## APRESENTAÇÃO

**E**sta é uma aproximação a uma proposta de periodização da lexicografia escrita, em território hoje uruguaio, que inicia com os primeiros apontamentos lexicográficos deixados como legado por cronistas e viajantes e que foram publicados no início do século XIX.

Não existe um trabalho panorâmico sobre a história da lexicografia no Uruguai, nem existe para o Uruguai uma proposta de periodização da lexicografia ou uma análise do processo de dicionarização, como ocorre para o Brasil (NUNES, 2006), e para a Argentina (BARCIA, 2004; LAURIA, 2011; 2012) ou para a lexicografia geral da América Hispânica (HAENSCH, 1994; FAJARDO, 2010; HUISA TÉLLES, 2014). Retomamos, contudo, a proposta feita em Coll (2013), onde se começa a esboçar o tema.

Levamos em conta, além disso, os escassos trabalhos que atendem a alguns aspectos históricos da lexicografia do Uruguai, entre eles, Kühl

---

<sup>1</sup> Uma versão mais extensa deste artigo foi publicada na revista *Linguística*, com o mesmo título, no Vol. 33 (1), junho 2017, 47-71. Parte do artigo é reproduzida aqui com autorização dos editores. Esta versão foi traduzida para o português por Victoria Hugentobler Valez e Vitória Signori Roso, acadêmicas do curso de Bacharelado em Letras – Tradução Português/Espanhol, UFRGS, sob a supervisão de Cleci Bevilacqua, Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

de Mones (1986) que descreve o início da lexicografia uruguaia com ênfase especial no *Vocabulario* de Granada<sup>2</sup>.

Concentramo-nos em dois períodos que consideramos marco no início da história da lexicografia uruguaia. O primeiro período dessa história compreende a lexicografia “encoberta” ou “escondida” escrita por cronistas e viajantes (seção 1), enquanto o segundo período dedica-se às anotações lexicográficas dos primeiros escritores montevidéanos, José Manuel Pérez Castellano e Dámaso Antonio Larrañaga (seção 2).

Cada um dos períodos corresponde a diferentes épocas com suas distintas necessidades lexicográficas. O primeiro, ilustrado pelo cronista Félix de Azara cuja obra principal foi publicada em 1947, desenvolve-se na época colonial e responde a uma necessidade de nomear esta realidade americana pela primeira vez. É uma etapa tardia se a compararmos a outras regiões da América, nas quais essa etapa lexicográfica havia se desenvolvido muito anteriormente; no entanto, está de acordo com o fato de que a conquista e colonização do que hoje é o Uruguai ocorre apenas no século XVIII. Este mesmo período inclui viajantes franceses e ingleses que chegam ao longo do século XVIII à região. O segundo período, que se baseia nos primeiros escritores montevidéanos, abrange a época de ruptura entre a Colônia e as lutas independentistas. Os registros, notas, cartas e diários de José Manuel Pérez Castellano e Dámaso Antonio Larrañaga incorporam novas vozes, em sua maioria de origem indígena, que descrevem a nova geografia, a flora, a fauna e os costumes da sociedade que estavam se constituindo na época.

---

<sup>2</sup> Os trabalhos históricos da Academia Nacional de Letras do Uruguai se concentram na trajetória lexicográfica da própria Academia, isto é, no século XX (Academia Nacional de Letras 1998 e 2000).

## 1. A INFORMAÇÃO LEXICOGRÁFICA “ENCOBERTA” OU “ESCONDIDA”: CRONISTAS E VIAJANTES

Os cronistas e os viajantes – que servirão de fonte para a posterior lexicografia uruguaia – chegam ao Rio da Prata por motivações científicas, políticas ou comerciais e nos deixam as primeiras definições sobre conceitos vinculados à temática rural, aos costumes, às vestimentas, aos tipos humanos, ou à fauna e à flora do espaço geográfico que percorrem, como já foi destacado por Kühl de Mones (1986)<sup>3</sup>. Diversos autores viram no primeiro deles, o mencionado naturalista Félix Azara, um grande lexicógrafo (BUESA OLIVER, 1987; KÜHL DE MONES, 1997; MAZZOLA, 2008; ENGUITA UTRILLA, 2012a e 2012b; BARCIA, 2004; BÉRTOLA, 2013a, 2013b e 2014).

O interesse que existe na obra de Felix de Azara como fonte de estudo no que diz respeito à formação e ao desenvolvimento do léxico hispano-americano, em especial o da região do Rio da Prata, certamente é indiscutível. Ele designa plantas e animais, cria nomes para identificar linguisticamente mais de 200 espécies, oferece informações sobre os termos usados pelos indígenas da região, explica acepções etc. A sua obra mais estudada é *Descripción e historia del Paraguay y el Río de la Plata*, que foi editada em 1847, apesar de Azara ter terminado de escrevê-la em 1809, como uma continuação do que já havia escrito em 1802 sobre os quadrúpedes e pássaros do Paraguai e do Rio da Prata.

Kühl de Mones (1997) afirma que

Azara não usa as vozes associadas ao que descreve de forma simplista, mas sim, com uma consciência linguística aguda, primeiro as explica ou define para então poder usá-las em seu texto, garantindo, assim, que

---

<sup>3</sup> É possível encontrar uma análise de como Félix de Azara serviu de fonte para Daniel Granada, por exemplo, em Kühl de Mones (1997, p. 67).



um leitor alheio à região, falante do espanhol peninsular que não conhece nem o mundo americano, nem a sua linguagem, pudesse entender plenamente seus escritos (KÜHL DE MONES, 1997, p. 61).

A autora destaca, ainda, três recursos usados por Azara ao introduzir uma voz desconhecida ao falante do espanhol peninsular:

1) o uso de uma equação com o verbo *ser*, como em *bolas* [boleadeira]: “les arrojan las bolas, que son tres piedras como el puño, atadas a fuertes cuerdas, largas más de una vara” [lançavam as boleadeiras, que são três pedras do tamanho de um punho, presas a cordas bastante fortes, com pouco mais de uma vara de comprimento] (AZARA, 1847 *apud* KÜHL DE MONES, 1997, p. 62);

2) o uso de um sinônimo coordenado pela conjunção *o* [ou]: “bombero o exploradores” [bombeiro ou exploradores] (AZARA, 1847 *apud* KÜHL DE MONES, 1997, p. 62);

3) o uso de formas metalinguísticas do tipo “llaman” [chamam], “se llama” [chama-se], “se da el nombre de” [é chamada de], “usan el nombre” [recebe o nome de], como em “llaman parejeros a los caballos corredores, que preparan quince días dándoles de comer con medida” [chamam cavalo de carreira os cavalos de corrida, que são preparados durante quinze dias, dando-lhes de comer em porções fracionadas] (AZARA, 1847 *apud* KÜHL DE MONES, 1997, p. 62)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A conjunção disjuntiva *o* [ou], neste caso, não manifesta exclusão, mas uma mera alternância entre elementos léxicos mais ou menos coincidentes. Esse recurso, já estudado no caso de cronistas e viajantes (ENGUIITA UTRILLA, 1979, p. 289), mostra uma consciência por parte de quem escreve acerca do fato de que se trata de um léxico que o leitor pode não compreender. Nesse sentido, “o novo e o conhecido são registrados como significados próximos e se entrecruzam com os valores de alternâncias de elementos léxicos” (BUESA OLIVER; ENGUIITA UTRILLA, 1992).

Detentor de uma sensibilidade linguística admirável, Azara (1847) também conseguiu registrar variantes de uma mesma realidade. “Quando existem, estas podem ser: regionais (*terutéro, tetéu* [quero-que-ro]: o primeiro é usado em Buenos Aires e Montevideú, e o segundo, no Paraguai” (AZARA, 1847 *apud* KÜHL DE MONES, 1997, p. 63), ou próprias de um grupo de habitantes (*bacasina*): “são chamadas assim pelos espanhóis, ‘yacabarés’ pelos guaranis e ‘aguateros’ por alguns em Montevideú” (AZARA, 1847 *apud* KÜHL DE MONES, 1997, p. 63).

Por outro lado, Enguita Utrilla (2012a) afirma que, para designar plantas, animais e outros diversos aspectos da realidade do continente americano, Azara usa: a) indigenismos (principalmente do Guaraní, mas também do Quéchuá e das Antilhas); b) vozes espanholas que desenvolveram novas acepções; c) designações derivadas de onomatopeias. Essas vozes, que conformarão as peculiaridades lexicais do espanhol do Rio da Prata, estão acompanhadas por definições que configuram as primeiras definições que temos para termos como *estância*: “estabelecimento rural de grandes dimensões, dedicados à exploração agrícola e agropecuária”, ou *banhado*: “terreno baixo e inundado, que se caracteriza por ter vegetação e fauna peculiares” (AZARA, 1847 *apud* ENGUITA UTRILLA, 2012a, p. 59-60).

Em alguns casos, essas vozes também podem ser derivadas, especialmente de um diminutivo lexicalizado: *bombilla* [bomba de chimarrão], “tubo metálico para sorver o mate, com o extremo inferior achatado e furado, que serve de filtro” (AZARA, 1847 *apud*, ENGUITA UTRILLA, 2012a, p. 60); ou fazer parte de grupos sintagmáticos criados a partir de vozes patrimoniais – ou mediante indigenismos já incorporados ao espanhol rio-platense durante a época colonial. Veja-se, por exemplo, *lobo de rio*: “mamífero carnívoro que pode ultrapassar os dois metros de comprimento, de pelo marrom escuro no dorso e ventre de cor mais clara e com uma mancha amarelada na garganta e no peito (AZARA, 1847 *apud* ENGUITA UTRILLA, 2012a, p. 61).

É importante ressaltar, tal como faz Enguita Utrilla (2012a), que o público alvo da obra de Azara – por um lado, as autoridades da metrópole e, por outro, os estudiosos da História Natural – condicionam sua escrita, que estará, desse modo, marcada por “descrições minuciosas, sinônimos relacionados por aposição e por meio da conjunção disjuntiva *o* [ou] e por traduções que, em diversas ocasiões, contêm uma definição completa do termo a que fazem referência” (ENGUITA UTRILLA, 2012a, p. 62)<sup>5</sup>.

Por outro lado, Enguita Utrilla explica que, em Azara, com frequência são usadas novas vozes, mas “sem complementações metalinguísticas, o que revela uma grande espontaneidade, que põe em evidência o quão arraigados estão esses americanismos no próprio vocabulário do naturalista” (ENGUITA UTRILLA, 2012a, p. 62).

A obra de Azara é excepcional por suas contribuições lexicográficas, também por ser a única obra desse tipo, escrita por um autor de origem espanhola na região. A maioria dos viajantes que chegavam ao Rio da Prata – Azara não era estritamente um viajante, mas um cronista e naturalista que viveu na região por mais de 20 anos – não eram hispanofalantes.

O primeiro desse grupo é o francês Arsène Isabelle – viajante, explorador, naturalista, diplomata, comerciante – que chegou ao Uruguai em 1830. Quase imediatamente iniciou uma viagem pela Argentina, Brasil e Uruguai, que culminou com seu conhecido livro “Voyage à Buenos Ayres et à Porto Alegre, par la Banda Oriental”, de 1835. Devemos a

---

<sup>5</sup> Os processos de incorporação do novo léxico são similares aos utilizados por outros cronistas, viajantes e naturalistas na América em épocas anteriores. Considerem-se, entre outros, os trabalhos de Alvar (1970; 1972; 1976) sobre Bernal Díaz del Castillo, Juan de Castellanos e Cristóvão Colombo, respectivamente. Também o trabalho de Bravo Garcia (1989) sobre Baltasar de Obregón e seu *Historia de los descubrimientos de Nueva España*; Enguita Utrilla (1979 e 1991) sobre as crônicas do século XVI; Rivarola (1990) sobre textos de Pedro de Pizarro e Pedro Cieza de León; Zamora Munné (2002) sobre indigenismos na língua dos conquistadores e Bastardín (2013) sobre a obra de Fray Bernardino de Sahagún, entre outros.

ele, entre outros, o registro e a explicação da voz *china* “mulher mestiça em primeiro ou segundo grau” (ISABELLE, 1943<sup>6</sup> *apud* BERTOLOTTI; COLL, 2002-2003, p. 336)<sup>7</sup>.

O texto “Voyage á Rio Grande do Sul” (1887), do professor francês de botânica, Auguste de Saint-Hilaire, foi estudado por Bertolotti (2010). Em *Voyage*, descreve seu itinerário, entre 1820 e 1821, pelos atuais territórios do sul do Brasil e do Uruguai. Saint-Hilaire utiliza diferentes recursos para explicar o novo léxico, como *cerro*, *chiripá*, *charqueadores*, *alsado* [levantado], *aruêra*, *guampa*, e inclusive *pátria*. Ele recorre a equivalentes, principalmente quando se trata de vozes das línguas indígenas. Um exemplo disso é o caso de *pitanga*: (SAINT-HILAIRE, 1887, p. 3 *apud* BERTOLOTTI, 2010, p. 271) ou de *araucaria*: “Un fruit qu’ón y vend beaucoup aussi dans ce moment est celui de l’*araucaria*, que l’ón appelle *pinhão*, nom que l’ón donne en Europe aux semences de pins pignons” (SAINT-HILAIRE, 1887, p. 49-59 *apud* BERTOLOTTI, 2010, p. 271).

Apresenta algumas extensas definições como em *maturrango*:

Quant au mot *Maturrango*, voici ce qu’il signifie: c’est un sobriquet injurieux que l’ón donne à ceux qui ne savent pas monter à cheval et, en général aux Européens. Dans ces campagnes, ou l’ón ne fait cas absolument que du talent de monter à cheval, on sent qu’il ne peut y avoir de plus grandes injures que celles qui désignent un mauvais écuyer. Le mot de *maturrango* a dû, par conséquent, s’appliquer aux hommes que l’ón avait le plus en horreur, aux royalistes, aux émigrés, à ceux que l’ón regardait comme les ennemis du pays. Aurait-on pu supposer, en effet, que tels hommes sussent monter à cheval! (SAINT-HILAIRE, 1887, p. 252 *apud* BERTOLOTTI, 2010, p. 272-273).

---

<sup>6</sup> ISABELLE, A. **Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil en 1830**. Buenos Aires: Editorial Americana, 1943.

<sup>7</sup> Bertolotti e Coll usam a versão traduzida para o espanhol de 2001.

Transmite, inclusive, etimologias populares, como em *vaquiano* [baqueano/vaqueano]:

J'ai parlé plus d'une fois de mon vaquiano, sans donner l'explication de ce terme. Un homme qui est vaquiano d'un pays est celui que le connaît parfaitement bien. Un bon vaquiano peut seul être un bon guide, aussi ces deux mots sont ils devenus synonymes. Je présume que vaquiano vient de vacca. Le vaquiano a dû être d'abord celui qui connaissait les chemins que les vaches avaient coutume de suivre et que savait les retrouver lorsque elles se perdaient (SAINT-HILAIRE, 1887, p. 238 *apud* BERLOTTI, 2010, p. 273).

Saint-Hilaire também traz informações sobre regionalismos compartilhados e caracterizadores da língua espanhola; *manta*: “Partout où nous nous arrêtons sur la route, mon conducteur demandait si on pouvait lui vendre *uma manta*. Cette manta est une large lanière de viande sèche; on lui en faisait toujours présent” (SAINT-HILAIRE, 1887, p. 25 *apud* BERLOTTI, 2010, p. 273).

Alcides D'Orbigny, também francês, viajou pela América entre as primeiras décadas do século XIX e publicou em seguida, em 1844, *Voyage dans l'Amérique méridionale* 1826-1833. Bértola (2013a e 2014) classificou os diferentes tipos de definições usadas por esse viajante, entre as quais se destacam as descrições – chamadas pela autora de clássicas –, como a de *zorrino* [*zorrilho/gambá*]: “animal encantador, de pele negra ornamentada com duas linhas brancas, que levanta graciosamente sua bela cauda peluda”, e as definições por sinonímia expressas pela conjunção *o* [ou]: “recinto *o corral* [curral]”, ou pelo uso de parênteses: “*las bóvedas (los calabozos)* [as masmorras (os calabouços)]”. Bértola (2013a; 2014) também explica que D'Orbigny introduz informação lexicográfica, tanto no corpo do texto quanto em notas de rodapé<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Bértola se baseia na tradução para o espanhol de 1945.

Nos escritos de 1889 de Ernest van Bruysell – viajante belga que estava na região durante o final do século XIX – aparece a voz *estancia* [estância], definida como “propriété de plusieurs lieues d’étendu, formant une immense prairie naturelle, où paissent de nombreux troupeaux, à ciel ouvert en toute saison” (BRUYSELL, 1889<sup>9</sup> *apud* BERTOLOTTI e COLL, 2002-2003, p. 335), entre outras.

O britânico John Hale Murray, depois de sua viagem ao Rio da Prata, publicou, em 1871, um relato no qual inclui vozes como *alheva* [algibe], que define como “rain-water well which stands by itself in the front or back of the house” (MURRAY, 1871<sup>10</sup> *apud* BERTOLLOTTI e COLL, 2002-2003, p. 335).

Em 1878, o inglês Edwin Clarck define *algibes* [algibes] como “invariably rain-water wells”; *becho Colorado* [Ácaro rajado] como “a species of harvest bug, that swarms among the dry grass and bushes and burying itself in the flesh, principally about the legs, produces most intense irritations”; *coati* [quati] como “interesting animal that belongs to the bear family”; *nutria* [nútria] como “animal frequently seen on the bank of the Parana” e *carpincho* [capivara] como “large rodent, large animal, like a pig without tail” (CLARCK, 1878<sup>11</sup> *apud* BERTOLOTTI e COLL, 2002-2003, p. 335-336).

Entre os viajantes incluímos, portanto, aqueles que escreveram em francês, como Isabelle D’Orbigny, Saint-Hillaire e van Bruysell, e aqueles de origem anglo-saxônica, como Murray e Clarck<sup>12</sup>. Neles, como era de se esperar, vê-se a necessidade de manejar um léxico apropria-

---

<sup>9</sup> Bruyssel, E. Van. **La république orientale de l’Uruguay**. Bruselas: Librairie Européenne C. Muquart, 1889.

<sup>10</sup> Murray, J. H. **Travels in Uruguay**. Londres: Longman & Co, 1871.

<sup>11</sup> Clarck, E. **Visit to South America**. Londres: Dean and Son, 1978.

<sup>12</sup> Por razões de espaço, não incluímos aqui o alemão Ulrich Schmidel, que viajou com anterioridade à região.

do para designar uma realidade nova ou desconhecida para eles e para seus leitores. Essas vozes aparecem ressaltadas em seus relatos por meio de explicações, descrições, sinônimas, paráfrases e outros recursos que, historicamente, são característicos desse tipo de registro. Em alguns casos, trata-se de vozes de origem indígena, mas, em muitos outros, são vozes de origem patrimonial que, em terras americanas, desenvolveram novas acepções e usos.

## **2. PRIMEIROS ESCRITORES MONTEVIDEANOS: JOSÉ MANUEL PÉREZ CASTELLANO E DÁMASO ANTONIO LARRAÑAGA**

Os escritos das reconhecidas personalidades de Montevidéu do início do século XIX, José Manuel Pérez Castellano e Dámaso Antonio Larrañaga surgem como testemunhos de uma época de mudança político-social e linguística. Nas obras do primeiro (*Carta a la Italia, Observaciones sobre agricultura que he podido hacer en el espacio de mas de cuarenta años que cultivo la chacara que actualmente poseo sobre el Miguelete, Caxon de Sastre, etc.*) e nas do segundo (*Viaje de Montevideo a Paysandú, Botánica. Géneros indígenas, Oración Inaugural, Diario de la Chácara etc.*) aparece um espanhol permeável a novas vozes, a novas acepções e à adoção e à adaptação do léxico de origem indígena e africana<sup>13</sup>.

No desejo de registrar, especificar, relatar e descrever, os dois religiosos recorrem a derivações, composições, efeitos metonímicos, construções sintagmáticas etc. que, em muitos casos, vêm acompanhados de definições, contextos explicativos, coordenações, traduções ou comentários metalinguísticos.

---

<sup>13</sup> Sobre a obra completa de Pérez Castellano, ver Cicalese (1987); Rosell (inédito); Valetta (1998; 2006) e Mañé Garzón (1998; 1999; 2003); sobre aspectos pontuais de seu léxico, ver Chans, Rila e Urse (inédito) e Chans e Urse (2011; 2012). Alguns temas pontuais do léxico de Larrañaga podem ser lidos em Almirón e Ochoviet (2007; 2010; 2011; 2012). O léxico não patrimonial de ambos os autores foi analisado em Coll (2010; 2012).

Não se trata de técnicas ou recursos muito distintos daqueles utilizados pelos cronistas da época da Conquista ou pelos primeiros colonizadores, já estudados por vários autores, como foi visto. No entanto, o que merece destaque no caso de Pérez Castellano ([1787-1814], 1968) e Larrañaga ([1815] 1930); ([1816] 1923) é que a conquista e a colonização haviam ficado para trás há muito tempo e já corriam os primeiros anos do século XIX. O primeiro contato com a nova realidade americana é algo distante no tempo, mas não, talvez, nestas geografias, nas quais o primeiro assentamento espanhol estável, San Felipe e Santiago de Montevideo surgem apenas em 1724. No século XVIII, nessa região, não existem escritores que tenham delineado a nova realidade e, mesmo que tardios, os escritos de Pérez Castellano e Larrañaga cumprem essa função de serem os primeiros, de autoria *criolla*, a desenvolver uma prática lexicográfica que deu conta dessa realidade.

Destaca-se a ênfase que ambos os escritores dão em especificar quem são os que chamam, como chamam e a quais coisas chamam, isto é, em esclarecer quem denomina a realidade americana. Pérez Castellano ([1787-1814] 1968) distingue, nesse sentido, os “índios do Peru” dos “índios guaranis”, ao mesmo tempo em que marca uma terceira possibilidade, por meio de uma denominação mais geral do tipo “os que aqui chamam”. Esta última marca diatópica ganha importância particular em uma voz como “frutilla” [morango], que é o nome “com o qual aqui se chamam geralmente a *las fresas* [aos morangos]” (CICALESE, 1987, p. 62), que surge como um dos primeiros testemunhos de uma voz que distinguirá o espanhol do Uruguai das outras variedades da América e da Espanha. O autor também trata essas vozes como sinônimas em “las frutillas o fresas” e “fresas o frutillas” (CICALESE, 1987, p. 62).

Igualmente, Pérez Castellano ([1787-1814] 1968) se envolve no ato de denominação por meio de uma primeira pessoa do plural em: “as ervilhas-tortas que aqui chamamos *chauchas*, nome que pelo som parece e deve ser de origem quéchua” (CICALESE, 1987, p. 57). Larrañaga tam-



bém utiliza tal recurso em: “Longe de fugir de nós, estes cavalos selvagens, que aqui conhecemos com o nome de “*baguales*” [bagaiais], vinham de longas distâncias para nos reconhecer e desfilaram diante de nossa carroça” (LARRAÑAGA, [1815] 1930, p. 59).

Por outro lado, a maioria dos indigenismos que aparece em Pérez Castellano ([1787-1814] 1968) e Larrañaga ([1815] 1930; [1816] 1923) refere-se a membros do reino vegetal e é de origem guarani: *andái*, *burucuyá*, *caraguatá*, *caraguatá-guazú*, *caraguatapitá*, *guaicurú*, *guayubi*, *ñandubay*, *ombú*, *tacuara*, entre outros (COLL, 2012; 2013). O contato dos guaranis com os europeus e *criollos* ocorreu ao longo de três séculos e meio “através de explorações, ações militares, catequização dos povos, intercâmbios comerciais, lutas e acordos dos europeus entre si e com os aborígenes, guerras de independência e civis que contaram com sua participação” (PI HUGARTE, 1998, p. 20). Além disso, desde meados do século XVII, começaram a se estabelecer, nos campos da Banda Oriental, guaranis originários das missões, criadas por jesuítas na região do alto Uruguai (PI HUGARTE, 1998, p.163). Essas condições sócio-históricas do contato entre espanhóis e *criollos*, por um lado, e guaranis – ou outras populações indígenas que usavam o guarani como língua franca – por outro, resultou na introdução de guaranismos no espanhol da região.

A origem guarani fica explícita em Pérez Castellano, em casos como: “A esta última, os índios guaranis chamam de *caraguatapitá* que quer dizer cardo colorado (alcachofra); porque no talo surgem os cachos de uma fruta que é vermelha quando está madura e se come com gosto” (PÉREZ CASTELLANO, ([1787-1814] 1968, p. 20).

Por sua vez, Larrañaga realiza um registro extenso de plantas autóctones em seu trabalho *Botánica. Géneros indígenas* (c. 1810). Cada planta aparece caracterizada e classificada: especifica-se a qual gênero, espécie ou classe pertencem (LARRAÑAGA, 1923). Além disso, foi incluída uma seção de informações sobre os equivalentes em espanhol,

inglês e francês (além de sua nomenclatura científica), com a denominação da espécie “no estado”, “no país” ou “na América”. Esse equivalente na região é, muitas vezes, um vocábulo de origem guarani. Dessa forma, escreve “rauwolfia [...] no estado Guayubi?” (LARRAÑAGA, 1923, p. 84), “cardo [alcachofra] [...] na província Cardancha ou Caraguatá” (LARRAÑAGA, 1923, p. 108), “acelgas marítimas [...] no país Guaicurú” (LARRAÑAGA, 1923, p. 124), “tillandsia [...] na América Caraguatá” (LARRAÑAGA, 1923, p. 126), “passiflora [...] na província Burucuyá” (LARRAÑAGA, 1923, p. 212) ou “viricuyá (nome vulgar)” (LARRAÑAGA 1923, p. 286).

Nos escritos de Pérez Castellano e Larrañaga aparecem também vozes de origem quéchua (como *chacara* e *mate*). Embora não existissem assentamentos nesses territórios onde se falava tal língua nativa, ocorria mobilidade populacional de *criollos* e de espanhóis oriundos de regiões que estavam em contato com ela. Entre os quechuismos, destacamos *huasca* [guasca], que aparece em Pérez Castellano unido às reflexões linguísticas sobre a origem e o uso deste vocábulo:

Eu, para os enxertos, usei sempre, com sucesso, as cordas com que vinham atadas as manocas de fumo do Paraguai, que aqui, geralmente, são conhecidas com o nome de *huascas* de tabaco [guascas de fumo], nome que os paraguaios espanhóis tomaram, não do idioma guarani, que é dos indígenas daquele país, mas da língua quéchua, comumente usada no Peru, onde chamam de *huasca* [guasca] todo tipo de cordas ou tiras, seja de couro ou de vegetal, como a do tabaco... (PÉREZ CASTELLANO, ([1787-1814] 1968, p. 98; p. 281).

A palavra *mate* [cuia] também está acompanhada, em Pérez Castellano, por um comentário sobre sua origem e posterior castelhanização:

Os índios do Peru chamam *mati* ao porongo, e nós, castelhanizando esse nome, chamamos *mate* [cuia] e, pela figura metonímica, a partir do conteúdo que

contém, dizemos que tomamos um mate quando tomamos, no *mate* [cuia], a água quente passada pela erva nele contida (PÉREZ CASTELLANO ([1787-1814] 1968, p. 41).

Outros numerosos casos possuem menção explícita a sua origem quéchua; *totora* [junco] derivada de *tutura*, nome “dado pelos índios do Peru”; “*poroto* [feijão] tornou-se o nome *purutu* que os índios do Peru dão a esses grãos”; “*zapallo* [abóbora] tomado de *zapallú*, oriundo da língua quéchua do Peru” (CICALESE, 1987, p. 54).

Trata-se do registro mais antigo desses quechuísmos em um escritor montevideano, embora esteja claro que os primeiros registros dessas vozes na língua espanhola tenham ocorrido muito antes, em textos provenientes de zonas de contato direto com o quéchua, particularmente nos textos hispano-peruanos.

Em muitos outros casos, tanto Pérez Castellano como Larrañaga introduzem o vocábulo de origem guarani ou quéchua sem mencionar sua etimologia, talvez porque já se considere uma palavra adaptada ao espanhol.

As vozes de origem indígena nos textos desses escritores convivem com vocábulos introduzidos pelos escravos de origem africana. Este é o caso da voz banto *cachimba* [cacimba], que aparece em Pérez Castellano sem mencionar sua etimologia, mas contendo uma explicação:

[...] porque debaixo da areia existe uma camada de barro negro pegajoso, que se mistura à água quando o mundo do que eles chamam *cachinga* [cacimba], nas quais os aguadores coletam água, toca nesse barro, sem estar bem coberto de areia (PÉREZ CASTELLANO ([1787-1814]1968, p. 130).

A respeito do *bubango* ou *bugango* [mogango], Pérez Castellano escreve:

Outros *zapallos* [abóboras] são chamadas de *Guinea* [Guiné], ou *bugangos* [mogango], nome que, seguramente, é africano, como *zapallo* [abóbora],

trazido dessa parte da África que acabamos de nomear. Alguns de casca branca, outros de casca verde musgo e outros ainda de casca amarela [...]. (PÉREZ CASTELLANO ([1787-1814] 1968, 438)<sup>14</sup>.

A estratégia utilizada por Larrañaga para introduzir essa voz é outra: coloca em justaposição os dois substantivos, *zapallo* [abóbora] e *bubango* [mogango], de forma que o nome africano está especificando o tipo de *zapallo*. Em 1815 ele comenta:

A janta foi abundante e temperada ao estilo do país; o *zapallo* [abóbora] estava em tudo. O primeiro que nos serviram foi um *zapallo bugango* [abóbora-moganga] («cucúrbita» Linnei) assado como substituto para o pão. E, embora tivéssemos oferecido aquele que havíamos comprado na Villa para o dono da casa, eu preferi o nosso *zapallo* [abóbora] (LARRAÑAGA, [1815] 1930, p. 49).

Essas muitas vozes indígenas e essas escassas vozes africanas encontram seu lugar nos escritos aqui analisados por meio de diferentes recursos. Pérez Castellano e Larrañaga nos proporcionam um primeiro testemunho escrito desses vocábulos, testemunho que corresponde a autores montevidéanos do início do século XIX e que recolhem o uso na época e na região. Esses escritores, de uma fina sensibilidade e consciência linguística, concedem validade e prestígio às vozes indígenas e africanas, ao mesmo tempo em que nos legam valiosas reflexões metalinguísticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Centrar-nos nas notas dos primeiros cronistas e viajantes e nas práticas lexicográficas dos primeiros escritores montevidéanos permitiu-nos descrever as principais obras que definem cada um desses períodos da história da lexicografia uruguaia. Também pudemos fazer

---

<sup>14</sup> Laguarda Trías (1982) considera que esta voz não é de origem africana, mas canária.

referências concretas às condições históricas e sociais que delineiam a produção lexicográfica em cada uma dessas etapas.

Nos dois casos, criam-se novas palavras que necessitam ser explicadas ou se esclarecem e definem vozes patrimoniais que foram adquirindo, na região, novos usos e significados, ao mesmo tempo em que se glosam indigenismos.

Embora ainda haja muito a ser feito, a história da lexicografia do Uruguai começa aos poucos a ser escrita e, com ela, constrói-se também a historiografia linguística do país.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS. **1000 palabras del español del Uruguay**, Montevideo: Academia Nacional de Letras, 1998.

ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS. **La Academia Nacional de Letras**. Serie I: Documentos, Montevideo: Academia Nacional de Letras, 2000

ALMIRÓN, Stella; OCHOVIET, Soraya. Estudio diacrónico de la palabra *zorillo*. Ponencia leída en el **II Seminario sobre lexicología y lexicografía del español y del portugués americanos**, Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República y Academia Nacional de Letras del Uruguay, 2-3 de octubre 2007.

ALMIRÓN, Stella; OCHOVIET, Soraya. *Chácara y chacra*: historia y vigencia en el español de hoy. Ponencia leída en el **IV Seminario sobre lexicología y lexicografía del español y del portugués americanos: el español del Río de la Plata durante el proceso independentista**, Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República y Academia Nacional de Letras del Uruguay, 14-15 de octubre 2010.

ALMIRÓN, Stella; OCHOVIET, Soraya. El lenguaje de Dámaso Antonio Larrañaga: el caso de *leñatero*. Ponencia leída en el **V Seminario sobre lexicología y lexicografía del español y del portugués americanos: a 200 años del inicio del proceso independentista del Uruguay**, Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República y Academia Nacional de Letras del Uruguay, 13 de octubre 2011.

ALMIRÓN, Stella; OCHOVIET, Soraya. El lenguaje de Dámaso A. Larrañaga: los diminutivos. Ponencia leída en el **VI Seminario sobre lexicología y lexicografía del español y del portugués americanos**, Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República y Academia Nacional de Letras del Uruguay, 16-17 de octubre 2012.

ALVAR, Manuel. Americanismos en la Historia de Bernal Díaz del Castillo, **Revista de Filología Española**, Madrid, anejo LXXXIX, p. 19-21, 1970.

ALVAR, Manuel. **Juan de Castellanos. Tradición española y realidad americana**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1972.

ALVAR, Manuel. **Diario del Almirante**. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1976.

AZARA, Félix de. **Descripción e historia del Paraguay y del Río de la Plata**. Ed. de Agustín de Azara, Madrid: Imprenta de Sanchiz, 1847.

BARCIA, Pedro Luis. **Los diccionarios del español de la Argentina**. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2004.

BASTARDÍN CANDÓN, Teresa. La adaptación del fondo léxico patrimonial en la Historia general de las cosas de Nueva España. **Boletín de Filología**, Tomo XLVIII, 1, p. 33-52, 2013.

BÉRTOLA, Cecilia. **Notas y definiciones de voces rioplatenses en viajeros y cronistas del Río de la Plata (siglos XVIII y XIX)**. Monografía del Seminario I, Lexicografía Hispánica, Licenciatura en Lingüística, Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República. Disponible en: <http://www.historiadelaslenguasenuruguay.edu.uy>, 2013a.

BÉRTOLA, Cecilia. **Filólogos naturalistas en la Banda Oriental en los siglos XVIII y XIX: estudio lingüístico comparativo entre el legado de un naturalista demarcador y el de un demarcador naturalista**. Monografía de la asignatura Lingüística Histórica, Licenciatura en Lingüística, Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República. Disponible en: <http://www.historiadelaslenguasenuruguay.edu.uy>, 2013b.

BÉRTOLA, Cecilia. Crónicas de viaje como fuentes lingüísticas: el aporte de Alcide D Orbigny a la entolingüística y a la lexicografía. In: CANALE, G.; RUEL, V. (comps.), **Lengua y cultura francesas en el Uruguay**, Montevideo: Tradinco, 2014, p. 127-152.

BERTOLOTTI, Virginia. El *Voyage à Rio-Grande do Sul* de Auguste de Saint-Hilaire como documento para la historia lingüística regional. In: BARNABÉ, J. Ph; CORDERY, L; VEGH, Beatriz (eds.). **Los viajeros y el Río de la Plata: un siglo de escritura**, Montevideo: Linardi y Risso, 2010, p. 265-278.

BERTOLOTTI, Virginia; Coll. Magdalena. Las fuentes para el estudio histórico del español del Uruguay, **Boletín de Filología**. Santiago de Chile, XXXIX, p. 29-337, 2002-2003.

BRAVO GARCÍA, Eva María. **Transcripción y estudio lingüístico de la Historia de los descubrimientos de Nueva España de Baltasar de Obregón**, Tesis doctoral, Universidad de Sevilla, Facultad de Filología, 1989.

BUESA OLIVER, Tomás. Datos de Félix de Azara sobre contacto de lenguas en el Paraguay. In: LÓPEZ MORALES, H.; VAQUERO DE RAMÍREZ, M. T. (eds.). **Actas del I Congreso Internacional sobre el Español de América**, San Juan (Puerto Rico), Academia Puertorriqueña de la Lengua, 1987, p. 811- 824.

BUESA OLIVER, Tomás; ENGUITA UTRILLA, José María. **Léxico del español de América: su elemento patrimonial e indígena**, Madrid, MAPFRE, 1992.

CHANS, Rosa; URSE, Juan Carlos. Léxico histórico en Juan Manuel Pérez Castellano: *citrino/albear*. Ponencia leída en el **V Seminario sobre lexicología y lexicografía del español y del portugués americanos: a 200 años del inicio del proceso independentista del Uruguay**, Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República y Academia Nacional de Letras del Uruguay, 13 de octubre 2011.

CHANS, Rosa; URSE, Juan Carlos. Léxico histórico en José Manuel Pérez Castellano: *cachinga* (*¿cachimba?*). Ponencia leída en el **VI Seminario sobre lexicología y lexicografía del español y del portugués americanos**, Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República y Academia Nacional de Letras del Uruguay, 16-17 de octubre 2012.

CHANS, Rosa; RILA, Iris; URSE, Juan Carlos. **Estudios diacrónicos del español del Uruguay. Serie I: Voces de la Patria Vieja. Estudio del léxico de José Manuel Pérez Castellano; ahorquetear; ahorquetead, -da; bocina; bocinada**, Montevideo, Academia Nacional de Letras, Departamento de Investigaciones. (Inédito).

CICALESE, Vicente O. **Montevideo y su primer escritor. José Manuel Pérez Castellano**. Homenaje al Segundo Centenario del Nacimiento de la Literatura Uruguaya. 1787 – Carta a Benito Riva – 1987, Montevideo: Biblioteca Uruguaya de Estudios Literarios 2, 1987.

COLL, Magdalena. El léxico no patrimonial en los escritos de José M. Pérez Castellano y Dámaso A. Larrañaga. Ponencia leída en el **IV Seminario sobre lexicología y lexicografía del español y del portugués americanos: el español del Río de la Plata durante el proceso independentista**, Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República y Academia Nacional de Letras del Uruguay, 14-15 de octubre 2010.

COLL, Magdalena. Léxico de origen indígena y africano en dos escritores montevideanos de principios del siglo XIX: la mirada de José M. Pérez Castellano y Dámaso A. Larrañaga, **Stockholm Review of Latin American Studies**, 8, p. 49-65, 2012. Disponible en: [http://www.lai.su.se/mL\\_text03.asp?src=161&sub=226&usub=310&intSida=731](http://www.lai.su.se/mL_text03.asp?src=161&sub=226&usub=310&intSida=731), 2012.

COLL, Magdalena. Prácticas lexicográficas del siglo XIX en territorio uruguayo: de la nominación al registro de piezas de museo, **Revista Argentina de Historiografía Lingüística**, Buenos Aires, 2, p. 115-136, 2013.

ENGUITA UTRILLA, José María. Indoamericanismos léxicos en el Sumario de la Natural Historia de las Indias, **Anuario de Letras**, México, 17, p. 285-304, 1979.

ENGUITA UTRILLA, José María. Recepción de indigenismos en algunos textos cronísticos del siglo XVI, en **Actas del III Congreso Internacional del Español de América**, Valladolid: Junta de Castilla y León, 1991, p. 199-212.

ENGUITA UTRILLA, José María. Trasfondo léxico rioplatense en la obra americana del naturalista aragonés Félix de Azara, **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, Berlín, X: 20, p. 51-70, 2012a.



ENGUITA UTRILLA, José María. Historia natural y léxico en la obra americanista de Félix de Azara. In: MONTERO CARTELLE, E. (ed.), **Actas del VIII Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española**, Santiago de Compostela, 14-18 de setiembre 2009, 2012b.

FAJARDO, Alejandro. La lexicografía del español de América. Evolución, tipología y metodología. In: IZQUIERDO, M.; ENGUITA UTRILLA, José María (coords.), **La lengua española en América: normas y usos actuales**. Valencia: Universidad de Valencia, 2010, p. 317-150.

HAENSCH, Günther. Dos siglos de lexicografía el español de América: lo que se ha hecho y lo que queda por hacer. In: WOTJAK, G.; ZIMMERMANN, K. (eds.), **Unidad y variación léxicas del español de América**. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 1994, p. 9-82.

HUISA TÉLLEZ, José Carlos. Representaciones sociales a través del lenguaje en la lexicografía hispanoamericana decimonónica. **Boletín de Filología**, Santiago de Chile, XLIX: 2, p. 139-159, 2014.

KÜHL DE MONES, Úrsula. **Los inicios de la lexicografía del español del Uruguay. El Vocabulario Rioplatense Razonado por Daniel Granada (1889-1890)**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, Lexicographica, Series Mayor 8, 1986.

KÜHL DE MONES, Úrsula. Azara como fuente lexicográfica. In: MONES, Á.; KLAPPENBACH, A. (eds.). **Un ilustrado aragonés en el Virreinato del Río de la Plata: Félix de Azara (1742-1821)**. Estudios sobre su vida, su obra y su pensamiento, **Anales del Museo Histórico Natural**, 2 da Serie, IX, 1997, p. 61-67.

LAGUARDA TRÍAS, Rolando. **Voces canarias en el habla montevideana**, Montevideo, s/d., 1982.

LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. *Viaje de Montevideo a Paysandú*, Montevideo: Don Bosco, [1815] 1930.

LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. Compendio del idioma de la Nación Chaná, en **Escritos de Don Dámaso Antonio Larrañaga**. Tomo III, Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, Imprenta Nacional, [1816] 1923, p. 163-175.

LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Escritos de Don Dámaso Antonio Larrañaga**. Tomo II, Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, Imprenta Nacional, 1923.

LAURIA, Daniela. Apuntes para una historia de la producción lexicográfica monolingüe en la Argentina: etapas del proceso de Diccionalización y modalidades diccionarísticas entre 1870 y 1910, **Boletín de Filología**, Santiago de Chile, XLVI: 1, p. 105-151, 2011.

LAURIA, Daniela. **Continuidades y discontinuidades de la producción lexicográfica del español de la Argentina. Un análisis glotopolítico de los diccionarios publicados en el marco del Centenario y en el del Bicentenario de la Revolución de Mayo**, Tesis Doctoral, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 2012.

MAÑÉ GARZÓN, Fernando. **El glorioso montevideano. Vida y obra de José Manuel Pérez Castellano (1742 - 1815)**. Tomo I, Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura/Archivo General de la Nación/ Centro de Difusión del Libro y la Lectura, 1998.

MAÑÉ GARZÓN, Fernando. **El glorioso montevideano. Vida y obra de José Manuel Pérez Castellano (1742 - 1815)**. Tomo II, Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura/Archivo General de la Nación/Centro de Difusión del Libro y la Lectura, 1999.

MAÑÉ GARZÓN, Fernando. **El glorioso montevideano. Vida y obra de José Manuel Pérez Castellano (1742 - 1815)**. Tomo III, Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura/Archivo General de la Nación/Centro de difusión del Libro y la Lectura, 2003.

MAZZOLA, María Celeste. Félix de Azara: itinerario intelectual de un funcionario singular, **Boletín de investigación y debate**, Montreal, 8, p. 1-92, 2008.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**. Análise e História do Século XVI ao XIX. Campinas/São Paulo/São José do Rio Preto: Pontes Editores/FAPESP/FAPERP, 2006.

PÉREZ CASTELLANO, José Manuel. **Selección de escritos**. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos. Vols. 130, 131 y 132. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, [1787-1814] 1968.

PI HUGARTE, Renzo. **Los indios del Uruguay**, Montevideo: Banda Oriental, 1998.

RIVAROLA, José Luis. **La formación lingüística de Hispanoamérica**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1990.

ROSELL, Avenir. **Leyendo a Pérez Castellano**. Montevideo: Archivo de la Academia Nacional de Letras del Uruguay (inédito).

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Voyage à Rio Grande do Sul (Brésil)**. Orléans: H. Herluison, Libraire-Éditeur, 1887.

VALETTA, Gladys. Discurso de la Profesora Gladys Valetta con motivo de su ingreso a la Academia Nacional de Letras. Pronunciado el 11 de setiembre de 1997. **Boletín de la Academia Nacional de Letras**. Montevideo, 3ra Época, 3, p. 87-106, 1998.

VALETTA, Gladys. Historia de palabras del Uruguay: Primera entrega: aceben, acebén o cola de zorro de Juan C. Urse, Rosa Chans e Iris Rila, **Revista de la Academia Nacional de Letras**. Montevideo, 4ta Época, 1, p. 145-165, 2006.

ZAMORA MUNNÉ, Juan Clemente. Indigenismos en la lengua de los conquistadores, Hesperia. **Anuario de Filología Hispánica**, Vigo, V, p. 195-209, 2002.